

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
IASMIN DO PRADO GOMES**

**EXÍLIO E LATINO-AMERICANISMO: O BRASILEIRO NEWTON CARLOS
NO SEMANÁRIO *ERCILLA*, NO CHILE (1968-1973)**

**MARIANA
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
IASMIN DO PRADO GOMES**

**EXÍLIO E LATINO-AMERICANISMO: O BRASILEIRO NEWTON CARLOS
NO SEMANÁRIO ERCILLA, NO CHILE (1968-1973)**

Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a
titulação de Bacharela em História pela
Universidade Federal de Ouro Preto.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis

**MARIANA
2019**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G633e Gomes, Iasmin do Prado.

Exílio e latino-americanismo [manuscrito]: o brasileiro Newton Carlos no semanário Ercilla, no Chile (1968-1973). / Iasmin do Prado Gomes. - 2019.
44 f.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Fávaro Reis.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Exílio. 2. Carlos, Newton, 1927-2019. 4. Chile - Periódicos - 1968-1973. 5. América Latina. 7. Descolonização. I. Reis, Mateus Fávaro. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94:343.264

Bibliotecário(a) Responsável: Michelle Karina Assuncao Costa - SIAPE: 1.894.964



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Iasmin do Prado Gomes

**Exílio e latino-americanismo: o brasileiro Newton Carlos no semanário Ercilla,
no Chile (1968-1973)**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 31 de agosto de 2021

Membros da banca

Dr. Mateus Fávaro Reis - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Priscila Ribeiro Dorella - Universidade Federal de Viçosa

Mateus Fávaro Reis, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/12/2021



Documento assinado eletronicamente por **Mateus Favaro Reis, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2021, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0261797** e o código CRC **5927EC37**.

*Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy un pedazo de tierra que vale la pena
Soy una canasta con frijoles
Soy Maradona contra Inglaterra anotándote dos goles
Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria no quiere a su madre
Soy América Latina
Un pueblo sin piernas pero que camina, oye
Latinoamérica – Calle 13*

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar como a experiência do exílio constrói um ambiente propício a consolidação do latino-americanismo nos escritos do brasileiro Newton Carlos para o semanário *Ercilla*, no Chile. O período abordado será o de 1968 a 1973, momento em que a América Latina encontrava-se imersa em ditaduras militares, ações revolucionárias e debates intelectuais. Os impressos serão concebidos como espaços de circulação de ideias e formação de redes entre exilados. Já o desterro como possibilidade de construção e reconstrução de horizontes subjetivos e teóricos, sendo o latino-americanismo produto desse movimento. O caráter anti-imperialista e antirracista que o discurso de Newton Carlos assume na revista também será salientado, assim como o mesmo aproxima-se de teorias pós-coloniais.

Palavras-chave: Exílio. Latino-americanismo. Newton Carlos. *Ercilla*. Descolonização.

ABSTRACT

This study aims at analysing how the exile experience creates an environment that is favorable to the Latin Americanism consolidation within the writings of the Brazilian Newton Carlos for the Ercilla weekly magazine at Chile. The period of time from 1968 to 1973 will be discussed. This period of time was a moment when Latin America was immersed in military dictatorships, revolutionary actions and intellectual debates. Printed matter is conceived as spaces of circulation of ideas and creation of networks between exiles. Whereas, the banishment as a possibility of construction and reconstruction of subjective and theoretical horizons with the Latin Americanism being the product of this movement. The anti-imperialist and anti-racist character that Newton Carlos's discourse has in the magazine will be highlighted, as well as it approaches post-colonial theories.

Keywords: Exile. Latin Americanism. Newton Carlos. Ercilla. Decolonization.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Desenvolvimento	15
2.1 Newton Carlos e a biografia na história	15
2.2 Exílio, ditaduras e impressos	21
2.3 <i>Ercilla</i> e os exilados brasileiros no Chile	22
2.4 Latino-americanismo e descolonização: os condenados da terra	31
2.5 Intelectualidade, revolução e solidariedade continental	34
2.6 <i>Nosotros latinoamericanos</i>	37
3. Considerações Finais	39
4. Referências Bibliográficas	41

1. INTRODUÇÃO

Muito já se discutiu sobre o caráter disciplinar da história, o lembrar para nunca esquecer. A humanidade deparou-se com inúmeros governos autoritários que encabeçaram repressões, censuras e deslocamentos forçados. Mesmo após guerras mundiais, genocídios e políticas de extermínio em massa, a América do Sul vivenciou uma onda militarista e autoritária na década de 1960 que perdurou até fins do século XX. Atualmente, muito se discute sobre o papel da história e do(a) historiador(a) diante desses acontecimentos. Espaços de memórias das ditaduras sul-americanas foram construídos, produções impressas e audiovisuais difundidas; testemunho e trauma são pautas presentes no meio acadêmico, esquecimento e memória também. Entre fatos históricos, discussões e produções encontramos o exílio.

(...) estudar o exílio nos situa ante um dos temas cruciais do novo século: as migrações forçadas e seu impacto em quase todos os âmbitos do trabalho humano, desde economias estendidas em escala planetária até as novas práticas e circuitos gerados ao amparo da revolução tecnológica (YANKELEVICH, 2009, p.13).

Como salientado por Samantha Viz Quadrat (2011, p. 18), “Os exílios latino-americanos do século XX constituem um campo fecundo de trabalho para pesquisadores da área das ciências humanas e sociais”¹. Redes intelectuais, congressos e seminários sobre o tema surgem como necessidade de se compreender o desterro que caracterizou a região e impactou sua história em amplos âmbitos. Entender particularidades do exílio também é demanda de estudiosos da área, visto que, as experiências vividas por exilados não são homogêneas.

O ato de ser expulso da pátria percorre dimensões físicas, psicológicas e culturais do sujeito. Sensações de dor, medo e solidão lhe são constantes; ao mesmo tempo, a experiência do exílio, proporciona oportunidade de crescimento e reformulação de identidades. A necessidade de construir novas condutas para sobreviver e resistir em sua atual conjuntura política, econômica e social implica em processos de incessante renovação de si mesmo (PIÑEDO, J. SANHUEZA, C; 2010).

O tema do exílio ainda não está consolidado na historiografia brasileira, apesar da publicação de alguns livros (ROLLEMBERG, 1999) e artigos (COELHO, 2002; SILVA,

¹ QUADRAT, Samantha. Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX. *Apresentação*. Fundação Getúlio Vargas, 2011, p.18.

2007; COUTO, 2013; LEITE, 2014) sobre o tema. Nos últimos anos, as análises dos exílios brasileiros foram incluídas em algumas coletâneas produzidas por estudiosos de diferentes países (SANHUEZA; PINEDO, 2010; VIZ QUADRAT, 2011; SZNAJDER; RONIGER, 2013; RONIGER, 2014). Contudo, é preciso insistir e avaliar de forma mais detalhada as trajetórias dos exilados com os locais de recepção.

O presente texto se insere numa área que tem por objetivo comum a elaboração de novas abordagens a respeito das relações entre exílio, mercado editorial e circulação de ideias na América Latina, particularmente na América do Sul, pois, por um lado, o exílio ou o desterro envolveu a exclusão, a perda e o trauma; por outro, engendrou estratégias criativas de reconstrução de trajetórias dinâmicas em territórios estrangeiros, particularmente articuladas ao mercado editorial e ao universo dos impressos.

Em 1964, o Brasil sofreu um golpe de Estado protagonizado por militares (com significativo apoio da população civil) originando uma ditadura que duraria até 1985. Nesse período da história brasileira, milhares de pessoas abandonaram o país; fazendo com que o exílio brasileiro alcançasse proporções transnacionais². A estrutura comandada pelas forças armadas determinou quem era o inimigo do movimento por elas nomeado de *Revolução*. Normalmente, intelectuais, artistas, jornalistas, sindicalistas e estudantes. Segundo Rollemberg (1999):

O exílio não chegou a ser um fenômeno de *massas*, como, por exemplo, no Chile. A maior parte dos atingidos era da classe média, escolarizada e intelectualizada, embora, evidentemente, também tenha havido camponeses, operários e pessoas com nível de instrução baixo (ROLLEMBERG, 1999, p. 52)

Cabe ressaltar que precisamos incluir novas referências e fontes sobre a pesquisa, uma vez que, por exemplo, o relatório final apresentado pela Comissão Nacional da Verdade, ao apurar o papel do Estado brasileiro na violação de diferentes tipos de direitos humanos, ocorridas de 18 de setembro de 1946 a 5 de outubro de 1988, incluiu um número muito significativo de indígenas entre os atingidos.

Esse trabalho se aterá principalmente à primeira fase do exílio datada de 1964 a 1973. Inicia-se com a ditadura militar brasileira e tem fim com a queda de Allende e materialização do golpe liderado por Pinochet, no Chile. O exílio brasileiro é dividido em duas gerações: a de 1964 e a de 1968. A primeira, caracterizada por exilados experientes envolvidos em atividades políticas pré-1964. O golpe significou impacto maior para esse

² Para entender mais sobre o caráter transnacional do exílio brasileiro consultar MARQUES, Teresa. *O exílio e as transformações de repertórios de ação coletiva: a esquerda brasileira no Chile e na França (1968-1978)*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 60, no 1, 2017, pp. 243-251.

grupo, visto que, a luta desenvolvida estava consideravelmente interligada ao contexto anterior ao golpe.

(...) associa-se a primeira geração àqueles que se identificavam com o projeto das reformas de base, ligados a sindicatos e a partidos políticos legais, como o PTB, ou ilegais, como o PCB. Quando foram para o exílio, já eram, na maior parte, homens maduros e definidos profissionalmente. Embora a geração 1964 tenha se exilado em variados países (México, Chile, Bolívia, Argélia, França), Montevideú foi, sem dúvida, o grande polo de concentração, a capital do exílio, sobretudo, em uma primeira fase (ROLLEMBERG, 1999, p. 50).

A segunda é caracterizada por militantes jovens, a maioria do movimento estudantil. Outra diferença em relação à geração anterior é o intenso enaltecimento da ação revolucionária - a luta armada consistia em instrumento imprescindível para consolidação da revolução. O sequestro de diplomatas, por exemplo, foi ação comum do grupo. O maior número desses exilados encontrava-se em Santiago e Paris. O diálogo entre ambas as gerações foi um grande desafio, uma vez que seus objetivos e utopias eram divergentes, assim como o projeto político pensado para o Brasil. Enquanto a de 1968 se via como recomeço, a de 1964 julgava essa vazia e sem futuro.

A interlocução entre as gerações não foi possível. O diálogo entre elas nem estava em questão. A proposta de recriação do antigo partido trabalhista, sob a liderança de Leonel Brizola, em junho de 1979, é a própria expressão do desejo da geração 1964 de recuperar o passado, depois de tantos anos de exílio. Analogamente, o apoio de muitos da geração de 1968 à formação do Partido dos Trabalhadores, que se anunciava no final dos anos 1970, tinha a ver com a pretensão à ausência de vínculos com o passado, que o PT tão bem encarnava (ROLLEMBERG, 1999, pp. 51-52).

A integração entre exilados da América Latina se deu de diversas formas, com especial destaque para os impressos, pois consistiram em importante meio de reforçar esse movimento. Os anos 1960 são caracterizados pela consolidação de ditaduras no continente americano que direcionam a circulação impressa e corroboram para formação de redes intelectuais, inclusive as compostas por exilados. A maior parte de periódicos produzidos por exilados foram publicados pela geração de 1968.

A imprensa foi editada em diferentes países: Argélia, Chile, França, Suécia, Itália, Suíça, Dinamarca, Noruega, Holanda, Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Portugal, Inglaterra, México, Costa Rica e Argentina. Mas foi, sem dúvida, em Santiago e Paris que se concentrou. Nas duas capitais do exílio brasileiro, apareceram não só o maior número de periódicos, mas também os mais expressivos e os de maior duração (ROLLEMBERG, 1999, p. 198).

Exilados de diversas nacionalidades participam desse processo, sendo a revista chilena *Ercilla* e um de seus colunistas, o exilado brasileiro, Newton Carlos, foco deste

trabalho. *Ercilla* foi fundada em 1932 com produções em pequena escala. O papel intelectual e político do leitor esteve presente em suas discussões desde os anos iniciais, proporcionando debates heterogêneos que envolviam o ambiente literário. *Ercilla* conquistou espaço no mercado editorial chileno tornando-se um semanário em 1936 (REIS, 2014).

Para promover a sua expansão, a editora chilena, dirigida pelo argentino Laureano Rodrigo, decidiu publicar um boletim literário mensal para promover o mundo das letras e, em particular, as obras que saíam com o selo de *Ercilla*, a partir de abril de 1933. Com o passar do tempo, o boletim literário enriqueceu-se com matérias informativas e crônicas, ampliando seu leque temático. Em 1936, passou a ser publicado como um semanário (REIS, 2014, p. 847-848).

Ercilla possibilitou o que Reis (2014) nomeia como *conexões intelectuais transnacionais*³, o conteúdo produzido permitiu que parte da sociedade chilena não acadêmica conhecesse os demais países latino-americanos. As identidades dos mesmos, assim como os debates políticos e culturais que canalizaram operaram na construção desse conhecimento e, provavelmente na concepção de latino-americanismo (ARDAO, 1986; FUNES, 1996) dos que integravam essa sociedade.

É importante entender por que Santiago concentrou expressivo número de exilados brasileiros e a importância do contexto histórico chileno não só para o Brasil, mas para a América Latina como um todo. Em 1970, o Chile elegeu Salvador Allende, o primeiro socialista a ocupar o cargo presidencial de forma democrática na região. O governo da *Unidad Popular* – formada por uma aliança entre diferentes partidos de esquerda – adotou medidas que foram muito criticadas pela oposição, liderada pelo Partido Nacional, entre elas, reforma agrária, nacionalização da grande mineração, congelamento dos preços, aumento dos salários e controle do comércio; tais ações ameaçavam a estrutura capitalista e almejavam promover uma mudança gradual da sociedade chilena (SADER, 1992).

Esse processo, nomeado como *via chilena para o socialismo* propunha uma transição gradual sem ação armada porque a ruptura radical com a estrutura vigente poderia acarretar fracasso do projeto de Allende. De acordo com Borges (2013) “apostava na conquista do poder executivo e legislativo, na participação popular e no desenvolvimento da economia por meio da nacionalização das áreas econômicas

³ REIS, Mateus. Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. *Si, somos latinoamericanos: o papel dos semanários Ercilla e Marcha para a construção do conceito de América Latina no Chile e no Uruguai (1939-1974)*, 2014, p. 849.

estratégicas, para iniciar o processo de transição para o novo sistema”⁴. A nacionalização de produtos e a estatização da economia somadas à ampla participação de trabalhadores e sindicatos na política chilena e à consolidação de um Estado Popular promoveram uma série de debates entre os membros das comunidades chilena e internacional.

Nessa nova conjuntura, além de usufruir de certo protagonismo como agente histórico, a classe trabalhadora conseguiu experimentar maneiras de organização que lhe possibilitassem discorrer sobre o poder popular e suas formas de atuação na sociedade (BORGES, 2013). Por isso, a queda de Allende vinha sendo esquematizada desde 1971 em conjunto com os Estados Unidos da América. Crises políticas, econômicas e sociais abalaram seu governo e corroboraram para clima de desordem e inquietação no país e em cenário mundial (BERNEDO, 2003).

En la medida que el año 1971 comenzaba acercarse a su fin y la polarización aumentaba, se comenzó a gestar una crisis productiva y de abastecimiento de productos de consumo básico, que tuvo su origen tanto en la falta de incentivos económicos para comercializarlos, producidos por la fijación de precios efectuada por el gobierno, como por una política de desestabilización económica promovida por la derecha y Estados Unidos (BERNEDO, 2003, p. 59).

Até 1972, os trabalhadores chilenos vivenciaram o aumento dos salários, além de melhorias das condições de trabalho (BORGES, 2013). Empresas nacionalizadas apresentaram elevação no nível de produtividade, o que fazia com que Allende fosse visto com bons olhos pela população de classes menos favorecidas. As crises forjadas pela oposição contribuíram para deterioração do ambiente propício ao socialismo e de mecanismos favoráveis ao trabalhador.

A classe trabalhadora era representada pela UP como a “vanguarda” da revolução de novo tipo. Como enfatizava Allende, os trabalhadores eram essencialmente os sujeitos da revolução. O fundamental era organizá-los e, principalmente, sindicalizá-los, para que pudessem auxiliar as políticas do Estado (BORGES, 2013, p. 87).

Nesse período de forte intervenção estatal, trabalhadores ocuparam indústrias ocasionando tensões internas entre o governo e entidades sindicais; sem contar nos empresários que reclamavam o modelo de produção tradicional, privatizado. O número de empresas sob administração do governo cresceu consideravelmente desde a eleição de

⁴ BORGES, Elisa. *O governo de Salvador Allende no Chile: atuação dos trabalhadores e a organização de novas relações de trabalho*. Projeto História, São Paulo, n. 47, 2013, p. 86.

Allende⁵, o que foi um problema para trabalhadores que não atuavam em locais estatizados e almejavam tal. Os grupos favoráveis à ocupação construíram a campanha *No a la devolución*, deixando claro qual era sua posição frente a essa política. Tal questão era um paradoxo para instituições como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) que era contra ocupações sem acordo com o governo, mas que, deveria demonstrar apoio aos trabalhadores mesmo após a apropriação. Allende se posicionou contra ações de ocupações ilegais em maio de 1972 (BORGES, 2013).

Os operários tinham pressa e não lhes interessava se as indústrias na qual trabalhavam estavam entre as prioridades de estatização estabelecidas pelo governo. Entendiam que era a luta política e a pressão do movimento popular o que as colocariam na pauta governamental. Ao contrário de experiências anteriores que viam na desestruturação do mundo de trabalho e na desagregação das formas de proteção social fatores para impulsionar a solidariedade territorial, no Chile do governo Allende, foi justamente o processo de inclusão e de mobilização das camadas mais baixas por meio de propostas governamentais que acabaram por estimular novas pautas de reivindicação e de novas formas de organização popular. Apesar das divergências com o governo, os trabalhadores das indústrias ocupadas sabiam da necessidade de continuidade do governo Allende para prosseguimento das mudanças estruturais no país (BORGES, 2013, p. 90).

Veículos de informação também contribuíram para a consolidação de um ambiente de conspiração. A visita oficial de Fidel Castro ao Chile, em novembro de 1971, acirrou ainda mais os ânimos de grupos políticos, imprensa e população (AGGIO, 2003). Sua retórica revolucionária foi difundida entre a sociedade chilena, principalmente entre os grupos, movimentos e partidos de esquerda. Enquanto isso, jornais de direita afirmavam que o Chile “viraria” Cuba através da luta armada, caso Allende não fosse deposto (BERNEDO, 2013).

Ao pensarmos no Chile é importante ter em mente que em plena estabilização da ditadura militar brasileira e presença de outros governos militares na Argentina e na Bolívia, nascia um governo liderado por um partido socialista na América Latina. O fortalecimento dos partidos de esquerda, em conjunto com a consolidação da classe operária contribuíram para o destaque ocupado pela democracia chilena frente aos demais países latino-americanos (SADER, 1992).

Socialismo na América Latina? Em pleno ano de 1970? Quando a ditadura militar brasileira se consolidava e emergia como modelo político e de crescimento econômico para seus vizinhos? Quando a Argentina seguia

⁵ Para ter contato com o número de estabelecimentos industriais controlados pelo Estado chileno durante o período de 1970 a 1973 consultar a Tabela 1 de Borges (2013) em *O governo de Salvador Allende no Chile: atuação dos trabalhadores e a organização de novas relações de trabalho*, p. 89.

mergulhada num regime militar há quatro anos, depois de um longo ciclo de instabilidade política, desde a proscricção do peronismo em 1955? Quando a Bolívia, entre idas e vindas, via se imporem sempre novos governos militares? Quando os EUA eram governados por Richard Nixon e por Henry Kissinger? E quando Cuba estava isolada e as guerrilhas em refluxo na América Latina? (SADER, 1992, p. 35).

Em 11 de setembro de 1973 o *Palácio de La Moneda* foi bombardeado e Allende morto. O chefe das Forças Armadas, Augusto Pinochet, assumiu o cargo de maior autoridade do país e instaurou uma ditadura que durou até 1990. Exilados latino-americanos deslocaram-se do Chile para a França. Uma nova fase do exílio teve origem, novas ideias e identidades foram formadas (SILVA, 2007), o que ultrapassa os limites e debates propostos neste trabalho.

1. DESENVOLVIMENTO

1.1. Newton Carlos e a biografia na história

A década de 1960 foi palco de críticas realizadas por historiadores às formas totalizantes de se escrever história, afirmavam que era necessário pensar fatos históricos e as conjunturas estruturais por trás dos mesmos através de métodos mais exigentes. A biografia, antes marginalizada pelo campo acadêmico, surgiu como possibilidade de análise de histórias individuais “(...) colocando o personagem e seu meio numa relação dialética e assegurando à História o caráter de um processo com sujeito”⁶.

Cabe ao historiador-biógrafo levar em consideração que a narrativa sobre o sujeito estudado é passível de mutação, assim como contextos nos quais está inserido. Logo, sua identidade não é de todo enraizada. O pesquisador deve tomar cuidado ao impor sobre o personagem biografado conceitos e limitações pré-estabelecidas (ALBUQUERQUE, 2007). Ao escrever a biografia sobre um exilado, por exemplo, o historiador confronta-se com a complexidade acerca dessa temática e, principalmente com testemunhos e relatos que podem divergir de teorias e resultados por ele, esperados. A condição do exílio, carregada de subjetividade, não corresponde à linearidade, a possibilidade de realização de outro deslocamento faz-se vívida e, diante do turbilhão no qual se encontrava a América Latina nas décadas de 1960 e 1970, inevitável.

Como nós, nossos personagens históricos não são modelos de coerência, de continuidade, de racionalidade; como para nós, as tensões entre o vivido e o

⁶ AVELAR, Alexandre. *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões*. Dimensões, vol. 24, 2010, p. 158.

que foi imaginado e desejado são fundamentais em suas vidas. E, para eles, como para nós, há uma parte indecifrável do aleatório, do imprevisível, do misterioso da vida (a não ser que acreditemos em alguma espécie de “Divina Providência”) (BORGES, 2009, p. 233).

O exílio como instrumento de formação de identidades e projetos nos permite afirmar que o destino de exilados se encontra em constante construção, até porque o ato de desterro consiste em forma de lutar por sobrevivência imediata e a longo prazo. A heterogeneidade que representa faz com que o historiador-biógrafo se confronte com a questão exposta por Schmidt (2004) “(...) quantos “eus” de cada existência o historiador pode resgatar em suas fontes?”⁷. Existem vários “eus” no exílio, é possível compreender a complexidade de todos?

O mercado editorial beneficia-se com essas biografias, fazendo com que os princípios éticos do(a) pesquisador(a) sejam questionados e delimitados. O respeito não apenas pela veracidade dos fatos históricos, mas pela privacidade e desejos manifestados pelo sujeito biografado devem operar na construção da narrativa.

Respeito pelo personagem biografado – no sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como uma celebridade a ser desnudada – e respeito pelas regras, historicamente construídas, do ofício de historiador: tais me parecem ser os parâmetros mais importantes desta ética particular, aquela do profissional de História que se dedica a perscrutar os caminhos e descaminhos de uma vida (SCHMIDT, 2009, p. 24-25).

É válido destacar que o presente trabalho não almeja escrever uma biografia sobre Newton Carlos e sim analisar como seus escritos para *Ercilla*, operam na construção do latino-americanismo; reconhece-se que o exilado, antes de fonte para esse trabalho, é uma pessoa sujeita à dor, emoções e traumas. Além disso, carecemos de testemunhos do redator, documentos e outros materiais que proporcionam a consolidação de um trabalho histórico-biográfico.

Entende-se por latino-americanismo o movimento de problematizar a América Latina e suas implicações políticas e culturais como um todo. A formação de redes intelectuais entre membros da região é uma maneira de pensar nesse conjunto e estabelecer união⁸. As discussões fomentadas por *Ercilla*, sobretudo nos textos de Newton Carlos, permitem que analisemos propostas de integração aliadas a um viés anti-

⁷ SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica*. História Unisinos, v.8, n.10, 2004, p.135.

⁸ REIS, Mateus. Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. *Si, somos latinoamericanos: o papel dos semanários Ercilla e Marcha para a construção do conceito de América Latina no Chile e no Uruguai (1939-1974)*, 2014, p. 846-859.

imperialista, anticapitalista e antirracista. Essa questão será aprofundada no terceiro capítulo.

Já o exílio será concebido como possibilidade de re(construção) de identidades, ideologias e projetos para Newton Carlos. No geral, essa experiência engloba questões similares aos que por ela passaram, porém não se pode negar o quanto a mesma significou saída da zona de conforto e confronto com o desconhecido para exilados brasileiros. Logo, a heterogeneidade que carrega será evidenciada. Heterogeneidade entrelaçada à dor, medo e desilusão diante de um cenário inédito e conturbado. O indivíduo “sem pátria” busca recorrente reformulação do mundo a fim de suplantar toda a angústia ocasionada pelo desterro. Ao contrário de personagens heroicizados pela literatura ocidental, experimenta sensações não gloriosas diante dessa condição criada pelo homem para negar a dignidade e identidade do outro – o exilado (SAID, 2003).

O contato com múltiplas ideias permite que o sujeito desenraizado funde projetos individuais e coletivos na tentativa de continuar a luta, mesmo que distante do país de origem (ROLLEMBERG, 1999). Provavelmente a ideia de integração da América Latina, existente nos textos do colunista não representava apenas necessidade de se adequar aos debates desenvolvidos no semanário, mas também resistência interna frente à ditadura militar brasileira.

O exilado é motivado pelas questões do país, envolve-se em conflitos sociais e políticos, diz *não* a uma realidade. Neste ambiente são forçados seus “projetos” e “ilusões”, como observou o psicanalista Marcelo Viñar. O exílio é o afastamento deste universo e recai sobre o “homem revoltado”, na expressão de Albert Camus, como um castigo. Ao mesmo tempo, o exílio aparece como possibilidade, quando a resistência interna é possível (ROLLEMBERG, 1999, p. 25).

Newton Carlos escreve, sobretudo, sobre política internacional. Nos anos iniciais de sua trajetória em *Ercilla*, o número de textos com temáticas brasileiras, por ele produzidos, era maior que perto de sua demissão. Os fatos por trás dessa questão devem ser investigados. Primeiro porque, à medida que aumenta a tensão no governo da *Unidad Popular*, maiores são as ações políticas e paramilitares organizadas pela oposição contra às esquerdas. Os militares brasileiros, assim como os Estados Unidos da América fomentaram essa ação e dela se beneficiaram. Por isso, os exilados deveriam regular suas atividades. A atmosfera de incerteza e desconfiança foi acirrada com a crise do governo Allende e tudo que ela representava para a revolução idealizada por militantes.

O segundo é que o contato com outros intelectuais e impressos permite que o sujeito exilado expanda seus horizontes subjetivos e teóricos. Ao que tudo indica, Newton

Carlos enxergou na luta contra o imperialismo, o racismo e a colonização potencial instrumento de resistência. Ambos os fatores não excluem a luta contra as ditaduras que também são por ele combatidas e, inclusive podem somar-se ao latino-americanismo exposto em *Ercilla*.

A distância que faz sofrer é a mesma que permite uma pausa para a reflexão e aprendizagem, de onde surge uma visão mais clara de si e do projeto pelo qual se lutava (ROLLEMBERG, 1999, p. 34).

O homem enraizado de Todorov (1999) nos permite problematizar essa questão. Em seu relato, afirma que a *desculturação* do exilado pode ser compensada pela *aculturação*. A cultura é passível de mudança, logo, o sujeito não pode manter-se apegado aos costumes de sua pátria. É natural que ele adquira outra língua, por exemplo. Mudanças acontecem e todo indivíduo é capaz de assimilá-las. Newton Carlos demonstra certa facilidade em reconhecer identidades que não são exclusivamente nacionais, percebe-se que sua visão de realidade contempla continentes. Porém, dizer que o mesmo perdeu completamente a cultura nacional pode soar precipitado e errôneo. Até qual ponto Newton Carlos vivenciou esse processo?

Todorov (1999) vê na *transculturação* um estágio anterior da *aculturação*, significa desenraizamento em todos os sentidos. Desenraizar-se implica em experimentar o biculturalismo, conceber que culturas, além de não serem estáticas, são múltiplas:

Não exagero para mim mesmo a originalidade desta experiência de biculturalismo. Além do mais, estou longe de ser o primeiro a experimentá-la; no campo da cultura e das artes, são numerosos os que foram atraídos por metrópoles como Paris ou Londres, Nova York ou Toronto, e este número continua a crescer todos os dias. E, mais, as identidades culturais não são apenas nacionais, existem outras, ligadas aos grupos pela idade, sexo, profissão, meio social; em nossos dias, então, todos já vivemos, ainda que em níveis diferentes, este reencontro de culturas no interior de nós mesmos: somos todos híbridos. A origem cultural nacional é simplesmente a mais forte de todas, porque nela se combinam os traços deixados - no corpo e no espírito - pela família e pela comunidade, pela língua e pela religião. Por que, então, ela viveu às vezes na euforia e em outras ocasiões na tristeza? (TODOROV, 1999, p. 26)

O terceiro é que com a proximidade da queda do primeiro presidente socialista eleito na América Latina, as esquerdas da região sentiram necessidade de pensar em outros projetos políticos, visto que a interrupção do socialismo chileno implicaria em derrota de um projeto revolucionário. Como a América Latina se tornou um lugar impossível para exilados, a Europa, mais precisamente, Paris, foi o destino de grande

parte deles⁹. Sobre Newton Carlos sabemos apenas que sua última participação em *Ercilla* foi em 1973, ano do início da ditadura de Pinochet.

Após o golpe que depôs o presidente Salvador Allende, em setembro de 1973, começou uma outra fase do exílio brasileiro. Novas partidas. Ficar na América Latina foi impossível para a maioria e deixar o continente teve um sentido simbólico importante. O exílio no exílio. O exílio não só no Brasil, mas agora na América Latina. A derrota da experiência chilena, a onda reacionária que arrastava o continente. O povo chileno, com toda a tradição democrática, abatido sob os novos tempos, massacrado pelo terror. Haveria ainda esperança? As portas fechadas aos exilados brasileiros fugidos do Chile expressaram bem a ausência de lugar no continente. Os governos mexicano, argentino, panamenho e venezuelano receberam os que entraram em suas embaixadas em Santiago, mas recusaram o asilo. Ao contrário, os convidaram a deixar seus países (ROLLEMBERG, 1999, p.87).

Vale ressaltar que, até o momento, não foram encontrados trabalhos sobre Newton Carlos; muito menos, sobre sua atuação no semanário. Plataformas de pesquisa trazem poucas informações sobre o exilado e nenhuma delas menciona sua trajetória no Chile e participação em impressos do país. Esforços estão sendo realizados na busca de contato com o mesmo, no intuito de sofisticar esse trabalho e, se possível, expandi-lo posteriormente. Sabemos que é um jornalista que atuou na imprensa brasileira pré-1964. Publicou livros, tem carreira consolidada e continuou trabalhando com política internacional, mesmo após o exílio. Entre suas produções temos: *A Guerra da América Latina* (1965); *A conspiração de Kennedy ao Vietnam* (1966); *Peru: o novo nacionalismo latino-americano* (1969); *Chile com Allende: para onde vai?* (1970); *América Latina: dois pontos* (1978); *Camelot, uma guerra americana* (1991); e *Bush e a doutrina das guerras sem fim* (2003). Nota-se que todas as obras dialogam com os assuntos por ele abordados em *Ercilla*, porém não se sabe a dimensão exata do espaço por ele ocupado no meio intelectual latino-americano.

Também não é objetivo mitificar Newton Carlos e o indivíduo deslocado. Os sentimentos de dor, angústia e medo estão presentes na vida do exilado e serão aqui abordados em algumas instâncias. Não é arriscado dizer que o redator é uma pessoa que foi acometida por essas e outras sensações. De acordo com Rollemberg (1999), o retorno dos brasileiros que partiram na década de 1970 corroborou para que experiências, vivenciadas em lugares e culturas distintas, impactassem em produções sobre a temática. O passado, silenciado pelo aparato militar, materializou-se nesses indivíduos. Os que não

⁹ Para saber mais sobre os destinos dos exilados brasileiros e a produção intelectual por eles protagonizada pós 1973 consultar os capítulos 6 e 7 de *Exílio: entre raízes e radares* de Rollemberg (1999) - *Preparando a guerra que não começou* e *Pulando numa perna só: a cultura exilada*.

se deslocaram, inquietaram-se em relação ao desconhecido: as experiências do outro, o ser exilado. Dessa forma, a temática do exílio é destacada, seus desdobramentos audiovisuais e impressos multiplicados; o desenraizamento entrelaçado ao passado presente brasileiro vem à tona, ocasionando saudosismo para com o sujeito exilado.

O exílio rapidamente entrou na moda. Mas não era só isso. Havia um interesse dos que ficaram em saber o que não viveram. As autobiografias se multiplicavam e vendiam. Algumas foram *best sellers*. As reportagens sobre os exilados tornaram-se frequentes, a maior parte tentando criar versões conciliatórias, onde se estimulavam os relatos folclóricos, pitorescos, os casos divertidos. No redemoinho, muitas entrevistas, entretanto, abriram-se para as outras dimensões da experiência do exílio. Mas, nos primeiros anos, não deixou de pairar no ar a mitificação do exilado, até porque era um *personagem* que estava sendo conhecido - e construído -, como um viajante que vem de outras terras, de uma longa ausência, e conta, no centro da roda, o que viu. De súbito, passou a ser uma glória ter um exilado familiar, ou amigo ou, ao menos, um convidado para o jantar (ROLLEMBERG, 1999, p.16).

A não mitificação desse sujeito é importante para que possamos enxergar a experiência do exílio como algo construído para negar a dignidade e a identidade do outro - o inimigo. Para muitos latino-americanos, o desterro foi consequência de processos históricos autoritários. A literatura sobre o exílio, em grande parte, narra episódios excepcionais da condição de um exilado almejando superar a angústia. Mesmo sendo momento de tristeza e desesperança, o “ocidente” cultua acervo de obras cuja temática é o ser deslocado. Said (2003) corrobora para desconstrução da glorificação do indivíduo exilado ao dizer que:

Não é verdade que as visões do exílio na literatura e na religião obscurecem o que é realmente horrível? Que o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como a morte, mas sem sua última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia? (SAID, 2003, p. 47).

Ao chamar atenção para o exílio de massas, Said (2003) salienta como deve-se pensar a categoria exilado para além dos personagens de sua literatura. Camponeses refugiados, sobreviventes de guerras de libertação, sujeitos sem documentos e “história para contar” também pode se enquadrar nessa categoria. Paris foi a mais famosa das capitais do exílio, mas não apenas a classe média se encontrava lá. É importante ter em mente que existem exilados de classes subalternizadas que, em grande parte, não tiveram suas histórias contadas, muito menos, enaltecidas.

2.2. Exílio, ditaduras e impressos

O exílio é uma prática recorrente em diferentes continentes, e, em particular, nas regiões que atualmente formam o que muitos chamam de América Latina, desde épocas anteriores aos movimentos de independência. No período colonial, a lógica do desterro foi usada contra grupos que defendiam a expansão de fronteiras coloniais. Em diversos momentos, o exílio foi concebido como fenômeno “natural” na região; experiência comum aos que participaram da política latino-americana e que não necessitava de maiores significações teóricas. Porém o exílio em massa e seu caráter internacional, assumido na segunda metade do século XX proporcionou brechas para que estudiosos pensassem seus múltiplos desdobramentos (RONIGER, 2014).

En el imaginario colectivo y en las esferas públicas de los países de América Latina, el exilio se convirtió en un modo central de “hacer política”. Entender tal modo de “hacer política” permite asumir nuevas ópticas sobre el ámbito internacional y global. Al mismo tiempo, la complejidad y diversidad del fenómeno ha sido base de variadas aproximaciones teóricas y disciplinarias (RONIGER, 2014, p.17).

A forma como exilados brasileiros e de outras nacionalidades buscaram “fazer política” ultrapassou fronteiras nacionais e adquiriu configurações transnacionais. Os impressos, produzidos e/ou articulados pelos mesmos, consistiram em importante instrumento para difusão de utopias, ideias e denúncia da ditadura militar. A forte conexão entre exílio, autoritarismo e mercado editorial se consuma no semanário chileno, *Ercilla*, e na maneira como o mesmo discute questões próprias do universo do exilado.

Segundo Reis (2014), intelectuais chilenos e uruguaios tiveram atuação de maior destaque na busca pela integração com os países vizinhos. Ambos foram polos, não apenas de intensa circulação impressa, mas de ideias a respeito do que é ser América Latina e como relações socioculturais relacionavam-se com contextos econômicos e políticos da região.

A despeito da Cordilheira dos Andes, da fronteira “natural” representada pelo deserto do Atacama, de ser considerado por muitos chilenos como o *Finis Terrae*, de estar de costas para o restante da América do Sul e de frente para a imensidão do Pacífico, em suma, de ser uma espécie de ilha, o Chile se transformou, em diversos momentos, em um dos principais polos de debate intelectual, político e cultural da América Latina. Para relembrar somente os mais importantes, compreendidos pelos marcos cronológicos do presente trabalho, a Frente Popular e o exílio dos apristas; a fundação da CEPAL, em 1948, e da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em 1957; os diversos encontros de intelectuais realizados pelas universidades chilenas durante os anos 60 e o governo da Democracia Cristã, com a “Revolução em Liberdade”; além da experiência da Unidade Popular,

colocaram o Chile no centro das atenções de muitos intelectuais latino-americanos e de outros países do Globo (REIS, 2014, p. 850).

Nota-se que o sujeito latino-americano, assim como suas produções intelectuais encontravam espaço em periódicos, revistas e organizações. Vale ressaltar que *Ercilla* acompanhou essa discussão.

Vários redatores de *Ercilla*, como, entre outros, Mario Planet, Alejandro Cabrera e Juan Ehrman dedicaram muitas páginas para abordar o panorama político, cultural e socioeconômica dos países latino-americanos, até finais de 1971, quando as páginas intituladas América Latina foram suprimidas do semanário, que passara por um giro de crítica ao governo da Unidade Popular. (REIS, 2014, p. 855).

Instaurada a ditadura militar, a revista muda de direção e apoia o governo de Pinochet. Os ideais disseminados pela Revolução Cubana somados aos debates que acaloravam esquerdas latino-americanas, construíram o imaginário de que o termo América Latina implicava em “subversão”. Dessa forma, as publicações de *Ercilla* tomaram rumos distintos aos de sua proposta inicial. O Chile não foi o único país onde o termo foi visto como algo pertencente aos projetos dos militantes de esquerda. Diversas obras foram censuradas por fazerem menção à América Latina. Na Argentina, exemplares de *As veias abertas da América Latina* (1971) de Eduardo Galeano foram queimados. Mencionar o nome América Latina em trabalhos acadêmicos, impressos e de outras funções era desautorizado pelos serviços de inteligência do país (FUNES, 2007).

2.3. *Ercilla* e os exilados brasileiros no Chile

Acontecimentos históricos da segunda metade do século XIX e início do XX criaram ambiente propício para expansão de impressos e organização do mercado editorial latino-americano; o novo periodismo surgiu entrelaçado aos debates sobre cultura no mundo letrado. A consolidação dos Estados Nacionais e a forma de conduzir política nesse cenário inédito ocasionaram constantes publicações, visando associar literatura e seu papel perante o espaço público.

As revistas e seus corpos editoriais almejavam consolidação de um discurso literário específico, transitando pela história das ideias de um povo. Essas ideias serão aqui vistas sempre no plural, visto que, o termo povo abarca multiplicidades de experiências e expectativas. As editoras, no geral, expressavam ideologias e projetos que, associavam-se em inúmeros aspectos. A tendência ideológica por trás das mesmas constitui importante instrumento para que o(a) historiador(a) estude ideais presentes não

apenas no campo das esquerdas latino-americanas, mas também de outros grupos que atuavam nessa conjuntura histórica. Caminhos são abertos para compreensão de coletividades e individualidades de grupos e sujeitos inseridos nas estruturas que compreendem essas formações. É essencial ter em mente complexidades que suas experiências adquirem.

En esta inflexión ellas expresaron las más contradictoria tendencias ideológicas. Por ello pueden ser vistas como una fuente histórica significativa y adquieren el carácter de objeto capaz de arrojar luz sobre las particularidades de la construcción de un proyecto colectivo: porque contienen en sus textos los principales conflictos que guiaron el proceso de modernización cultural (BEIGEL, 2003, p.107).

Os semanários latino-americanos buscavam expressar-se e adaptar-se às divergentes realidades sociais da região, salientando a multiplicidade de povos. Outro objetivo consistia em propor a conscientização política para amplos setores sociais. É inegável que parte considerável dos impressos buscaram alimentar ideais de esquerda, principalmente com a Revolução Cubana – pouco criticada como também autoritária pelas próprias esquerdas, até aquele momento – que em curso e a forte onda autoritarista alastrada pelo continente americano. Publicações sobre exílio, tortura e luta armada estiveram penetradas nesses âmbitos.

Alguns desses semanários tiveram trajetória curta, não alcançando nem a segunda publicação. Divergências ideológicas de seus redatores e editores podem ter contribuído para o término de projetos editoriais, assim como a escassez de verba. Segundo Beigel (2003) “La mayor parte de las veces, esas diferencias iban minando el espíritu de cuerpo del grupo de redactores y al poco tiempo desaparecían de la escena cultural”¹⁰. Ao contrário destes, *Ercilla* contou com amplo corpo editorial e investimentos que a fizeram expandir-se e tornar-se um dos principais veículos de informação chilena.

Como toda revista, continha orientações ideológicas não estáveis e que acompanhavam conjunturas históricas das sociedades. Participou do que Beigel (2003) nomeia de *editorialismo programático*¹¹, ou seja, o ato de materializar discussões do campo cultural ligadas à militância e à ação revolucionária. Dessa forma, além da formação de redes intelectuais, propiciou instrumentos de fazer política. O perfil de

¹⁰ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. Utopía y Praxis Latinoamericana / Año 8. Nº 20 (Marzo, 2003) pp. 105-115.

¹¹ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. Utopía y Praxis Latinoamericana / Año 8. Nº 20 (Marzo, 2003) pp. 105-115.

intelectual comprometido com abordagens revolucionárias acompanha os fatos históricos dos países latino-americanos.

Ercilla recebeu esse nome em homenagem ao espanhol Alonso de *Ercilla*, que foi para o Peru e “(...) acompanhou o governador e capitão geral da Capitania do Chile García Hurtado de Mendoza na luta contra a sublevação dos araucanos (mapuches), entre 1557 e 1559. Publicou o poema épico *La Araucana*, na Espanha, em 1569, em que cantou os des(encontros) entre os espanhóis e os nativos”¹². *La Araucana* opera na construção da identidade nacional chilena através da busca pelas origens desse povo. No século XX, os discursos das elites do país são criticados com ênfase no debate sobre o processo de construção da nação. *Ercilla* desenvolveu discussões que possibilitaram tais críticas ao mostrar um Chile com problemas estruturais.

Uma das missões iniciais de seus editores se concentrava em difundir a vida política, cultural e intelectual do país na década de 1930, o que não se limitava apenas em disseminar correntes ideológicas e políticas, mas também propor novos projetos políticos e culturais. A complexidade por trás do mercado editorial pede que compreendemos que “Los directores de revistas fueron, por lo general, editorialistas, dirigentes políticos, ensayistas, conferencistas, ideólogos, librereros, distribuidores, tipógrafos e imprenteros”¹³.

Um dos principais obstáculos para o(a) pesquisador(a) de revistas corresponde em lidar com a heterogeneidade por trás de suas produções; editores, colaboradores e diretores carregam concepções próprias e não igualitárias que exigem análise cuidadosa, mas, ao mesmo tempo, demonstram a riqueza do trabalho editorial e as demandas que o público leitor lhe impõe. Para Beigel (2003) “Las trayectorias de los editorialistas muestran, de manera privilegiada, como diría Lucien Goldmann, que una obra es siempre un punto de encuentro tanto de la vida de un grupo como de la vida individual”¹⁴. *Ercilla* contava com um corpo editorial misto, na direção encontrava-se o argentino Laureano Rodrigo. Luis Alberto Sánchez, Manuel Seoane, Ciro Alegria e outros integrantes da *Alianza Popular Revolucionaria Americana* (APRA)¹⁵ também eram membros desse

¹² REIS, Mateus. Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais. *Cap.1.Ercilla: relatos de formação, exílio e mercado editorial (1932-1945)*, 2012, pp. 49-50.

¹³ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana* / Año 8. Nº 20 (Marzo, 2003) pp. 105-115.

¹⁴ BEIGEL, Fernanda. *Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana*. *Utopía y Praxis Latinoamericana* / Año 8. Nº 20 (Marzo, 2003), p.111.

¹⁵ Foi fundada no Peru em 1930, a organização almejava a construção de um movimento (de tendências socialistas) a ser expandido por toda a América Latina.

corpo. Sánchez assumiu o posto de vice-diretor em 1934 enquanto Seoane de diretor em 1937.

Como esperado, as trajetórias individuais desses sujeitos assemelham-se ao conteúdo materializado na revista. A relação de proximidade com Haya de la Torre¹⁶ permitiu que o primeiro anexasse obras de exilados da instituição em publicações. Já o conhecimento do segundo sobre as realidades argentinas e chilenas corroboraram para fomentação do latino-americanismo construído no semanário. Dessa forma, o Chile conquistou espaço na história da APRA através de *Ercilla* e seu corpo editorial. Segundo Reis (2014) “Para Melgar Bao, a ida dos exilados para o Chile vinculava-se a uma aposta pela via insurrecional que se forjaria a partir do sul do Peru”¹⁷.

Em determinados momentos, Sánchez enalteceu o comprometimento dos exilados para com o semanário. Observa-se que a quantia lhes destinada era vista como injusta, mas a condição de exilado não os permitia usufruir de salários maiores. Seoane estava entre os que tiveram seus trabalhos exaltados, ser exilado impossibilitava que fosse integrado à população chilena das décadas de 1930 e 1940. O próprio Sánchez revelou que seu status de estrangeiro fez com que fosse visto com descaso, inclusive por escritores chilenos. Observa-se que o sentimento de não pertencimento e outras sensações decorrentes da experiência do desterro teoricamente estudado por Rollemberg (1999), Todorov (1999) e Said (2003) acometeram até aqueles que ocupavam cargos de destaque na direção.

O peruano (Sánchez) discorria sobre a vivência do exílio para os seus e, a pedido de Pablo Neruda, para os chilenos. A dificuldade de resistir em outro país era colocada em seus relatos, o paradoxo de crítica e gratidão ao Chile também se fazia presente. O cruzamento entre memória individual e coletiva manifesta-se na trajetória de Sánchez (REIS, 2012). Não seria arriscado afirmar que, assim como Newton Carlos, buscou reconstruir sua vida por meio do mercado editorial. É importante ter em mente que o vice-diretor usufruiu de privilégios, sobretudo financeiros, que outros exilados apistas não tinham acesso.

Além da agregação de exilados da APRA, Sánchez integrou espanhóis ao corpo de *Ercilla* - o que significou transmitir ao público informações sobre a Guerra Civil

¹⁶ Fundador e líder histórico da APRA.

¹⁷ REIS, Mateus. Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais. *Cap.1.Ercilla: relatos de formação, exílio e mercado editorial (1932-1945)*, 2012, p. 49.

Espanhola. Vale ressaltar que o centésimo exemplar do semanário se posicionou em defesa dos republicanos espanhóis, dos perseguidos no Peru e da luta antifascista global (REIS, 2012).

A maneira como *Ercilla* concebe e estabelece relações com o exílio acompanha situações políticas nacionais e internacionais. Se, ao sujeito exilado, eram atribuídos estereótipos marginalizados pela sociedade chilena, no contexto revolucionário pós 1950 a situação mudou consideravelmente a ponto de a revista construir ambiente de recepção amistosa para os mesmos.

Em 1961, nomes como os de Jânio Quadros, Leonel Brizola e Carlos Lacerda aparecem no semanário. O segundo, exilou-se no Uruguai com o golpe militar de 1964, já o terceiro teve estadia curta na Cuba de Fulgêncio Batista, optou pelo deslocamento após o fracasso do movimento conhecido como *golpe de Lott*¹⁸. A temática do exílio não é abordada no início dos anos 1960, porém o contexto político e social brasileiro sim. *Ercilla* mostra reportagens sobre Jango, o extenso território brasileiro e a cultura dos povos que habitam o país.

No ano de 1963, o deputado federal de Pernambuco, Francisco Julião, é citado. Assim como os agentes da esfera política anteriores ainda não era exilado. Sua experiência no exílio deu-se em 1965, no México. É curioso que em *Brasileños Incansables* (1963), o poeta e escritor brasileiro Thiago de Mello é destacado perante um encontro de escritores brasileiros e chilenos. Esse fato nos possibilita entender o prestígio que recebe na revista em período posterior. No ano do golpe militar, torna-se exilado no Chile. Em 1966, sua prisão é salientada; é descrito como grande amigo do país e *Agregado Cultural do Brasil*. Celso Furtado também recebe atenção. Em matéria denominada *El drama de Brasil*, sua análise sobre a economia brasileira é posta em debate. Furtado exilou-se no Chile em abril de 1964, antes de partir para os Estados Unidos e França, posteriormente.

Já em 1965, encontramos o primeiro texto sobre o exílio brasileiro. Em *Fiesta en el exilio* alguns nomes de brasileiros são citados, destaca-se o de Paulo Alberto Montero de Castro, ex-deputado federal. A reportagem tem como enfoque uma festa protagonizada por exilados na residência do indivíduo em questão. A dita ocorreu no dia 7 de setembro - dia da comemoração da Independência do Brasil - é caracterizada por sambas, macumbas e frevos, práticas típicas da cultura brasileira. Outros exilados citados são

¹⁸ Também conhecido como Golpe Preventivo do Marechal Lott, ocorreu em 11 de novembro de 1955. Tinha como objetivo impedir a posse de Juscelino Kubitschek, presidente da República.

Adão Pereira Nunes¹⁹, Melo Mourão²⁰, Paulo de Tarso²¹, Jesus Soares Pereira²²; Licio Hauer²³, Almino Alfonso²⁴ e Bonfim²⁵. De acordo com *Ercilla*, Paulo Alberto disse que os exilados são agradecidos ao Chile. É notado que chilenos também participaram do ato de sociabilização, fato que corrobora para o clima de amizade estabelecido entre os dois países sul-americanos. Sintetizar essas informações em ordem cronológica é importante para entendermos como a inserção de Newton Carlos e outros exilados brasileiros se deu no semanário e como atuaram na construção do latino-americanismo.

Em *Lacerda no baila samba* (1965) de Alejandro Cabrera Ferrada, o exilado russo-brasileiro - Samuel Wainer - recebe ênfase devido ao seu samba milionário. A metáfora refere-se ao seu Império, o jornal *A última hora* que, de acordo com Cabrera, arrecadou 500 milhões de cruzeiros em três dias de carnaval. Devido ao caráter esquerdista atribuído pelo aparato militar ao seu impresso, Wainer exilou-se no Chile.

¿*Guerrilha o carnaval?* (1966) também de Cabrera, narra o movimento de guerrilheiros que avançam do Rio Grande do Sul a Foz do Iguaçu. O nome de Jefferson Cardim de Alencar Osório, ex-sargento do exército brasileiro, aparece. O sujeito deslocou-se do Uruguai - local onde encontrava-se exilado desde o início do golpe militar que derrubou João Goulart - ao Brasil.

Já *Receta para un exiliado: unas gotas de café español* (1967), retrata o português Jorge Dias e seus três anos de exílio voluntário. O escritor defende que o momento de transformação vivenciado na América Latina é romantizado na Europa. O desenraizado em questão não é brasileiro, todavia a atenção que recebe é importante para se pensar a experiência do desterro como um todo, e não apenas no Brasil e no Chile.

Patriotismo en el exilio (1968), de Guillermo Blanco, refere-se a exilados chilenos que tomam com verdadeiro entusiasmo as festas pátrias do país, mesmo residindo em outro. Essa questão abre brecha para construção da ideia de solidariedade no exílio, além de mostrar como ligações com a pátria manifestam-se no exilado mesmo após o deslocamento.

¹⁹ Ex-deputado federal, casado com a filha de Anísio Teixeira (que junto a Celso Furtado e Josué de Castro foi recebido pelo governo do Chile, após a saída de Goulart).

²⁰ Deputado federal e escritor.

²¹ Ex-Ministro da Educação de Goulart.

²² Um dos maiores economistas brasileiros, foi técnico do Ministério da Agricultura por 38 anos.

²³ Ex-presidente da Federação de Estudantes, deputado federal e líder dos funcionários civis.

²⁴ Ex-Ministro do Trabalho.

²⁵ Engenheiro da Petrobrás.

Ainda sobre solidariedade e readaptação temos *Mini-carnaval em secreto* (1968) de Heliodoro Torrente que retrata como exilados brasileiros se divertiram à moda carioca em uma noite em Santiago. Segundo Torrente, esses indivíduos eram compostos por ex-ministros, senadores e deputados dos regimes civis de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. São destacados os nomes do periodista José María Rabelo, do ex-deputado, Ib Teixeira e dos ex-parlamentares Livio Hauer, Adão Pereira, Paulo Alberto e Salvador Lassaco.

Resumindo: os exilados brasileiros que são abordados no semanário, em geral, consistem em indivíduos detentores de posições políticas privilegiadas como deputados, governadores e ministros. Quando não correspondem a essas categorias são, principalmente, ligados à cultura e intelectualidade como Thiago de Mello e Celso Furtado.

Nota-se que os textos iniciais sobre o exílio brasileiro aparecem ao lado de termos como festas, folclore, carnaval e samba, reforçando atributos construídos no imaginário internacional sobre a população brasileira. A permanência desses estereótipos mostra como traços culturais do país são concebidos pelo corpo editorial do semanário. A necessidade de identificá-los fomenta o ideal de que o país anfitrião recebe estrangeiros e suas expressões costumeiras de maneira não discriminatória e sobretudo, acolhedora. O Chile seria uma espécie de segunda casa para os sujeitos desterrados.

Esse conjunto de escritos permite-nos problematizar até qual ponto o sentimento de pertencimento se manifesta nos exilados abordados. Rollemberg (1999) argumenta que “Segundo Bertolt Brecht, não há como amenizar a realidade: “(...) o país que nos recebeu não será um lar, mas o exílio””²⁶. Em qual medida *Ercilla* desmonta essa afirmação? Entre os brasileiros atuantes na consolidação do impresso destaca-se Newton Carlos. No mesmo, observa-se subjetividade entrelaçada ao ato de se ver como latino-americano e a necessidade de propor integração entre outros que também assim poderiam ser classificados. Mas, e os demais que não participam de forma ativa do semanário? Enxergam a si e a região da mesma forma? Será que eram “tutelados”, não somente por *Ercilla*, mas por toda uma comunidade internacional?

No Chile, até o golpe de Estado, ser refugiado político era uma posição valorizada, numa conjuntura de acirramento dos movimentos sociais de esquerda. Este prestígio ainda permaneceu, durante algum tempo, entre a

²⁶ ROLLEMBERG, Denise. Exílio: entre raízes e radares. *Cap.1. Exilados, estrangeiros, apátridas*, Rio de Janeiro: Record, 1999, p.28.

esquerda europeia que recebia os exilados do Chile, o que não impediu, no entanto, um tipo de escolha e assistência muitas vezes pautado na vitimização/infantilização (ROLLEMBERG, 1999, p.48).

Na década de 1970, a temática do exílio foi muito significativa, ao lado de denúncias de torturas, entre elas, o pau de arara, que surgem como instrumento de denunciar a violação de direitos humanos institucionalizada no Brasil. O enfoque sobre exilados brasileiros é significativo, porém essa questão não impede o semanário de identificar que países como México e Uruguai também são palcos do deslocamento desencadeado pelo militarismo.

Exilio para un crítico (1970), de Ernesto Saul, traz um pouco da trajetória profissional e pessoal de Mário Pedrosa, escritor, crítico de arte e exilado brasileiro. Sua condição de marido, pai e avô é citada, características que o humanizam e o aproximam de um cidadão comum. Segundo Saul (1970), Pedrosa era um estrangeiro em seu próprio país e foi acolhido pela embaixada chilena. Já Mário, observa que outros escritores também foram perseguidos pela ditadura militar brasileira. A participação no seminário sobre artes plásticas na América Latina da UNESCO está entre os dados que compõem seu trabalho, e essa informação permite argumentar que a esfera cultural foi importante para a construção do latino-americanismo. Nomes de obras de Pedrosa, assim como sua destacável relação com arte internacional, descritas por Saul (1970), constroem a concepção de que o Chile se preocupava com os intelectuais e o material por eles produzido, ao contrário do Brasil.

Pedrosa llegó a Chile a comienzos de este mes. Vive en el departamento de un amigo, a quien califica como “el decano de los setenta exiliados brasileños que viven en Chile”. Había lentamente y en tono bajo. A veces deja la frase en el aire buscando la traducción de una palabra portuguesa. Cuando encuentra, la acompaña con un ¿se dice así? El ruido de los vehículos se interpone a ratos en la conversación. Pese a su salud ligeramente resentida - el agua, las verduras - representa mucho menos edad de la que tiene (SAUL, 1970, Ercilla, p. 89).

Por mais que *Ercilla* traga, em maior número, nomes de brasileiros de altos cargos políticos, as matérias mais extensas são sobre os exilados que faziam parte do mundo letrado. Os nomes das obras de Mário e as convergências que possuem com a arte transnacional servem como ponte para se problematizar por que foi feita uma matéria só sobre esse sujeito. Nota-se que sua boa relação com a embaixada chilena é exposta, mais uma vez, construindo a imagem de um Chile acolhedor e provedor de cultura.

Exilio: Pasaporte a la angustia (1970), engloba os sentimentos de dor e incerteza e o contexto de torturas, sequestros, guerrilhas urbanas e atentados que permeiam o ato

de exilar-se. Além de mostrar a heterogeneidade no exílio e particularidades dos sujeitos exilados, desconstrói aspectos do desterro cultuados por edições anteriores de *Ercilla* e a própria sociedade chilena e internacional. Para sustentar a multiplicidade nesse espaço, Barraza (1970) cita nomes de brasileiras e brasileiros que compartilham da condição; informações como idade, profissão, tipo de militância e local de nascimento foram informadas, mostrando que o ato de desterro engloba múltiplas identidades.

O texto denuncia que direitos humanos não são respeitados pelo governo, inclusive os dos 70 exilados brasileiros (59 homens e 11 mulheres) que se encontram no Chile. Um manifesto protagonizado por esses sujeitos afirma que os mesmos continuarão na luta e reforça a identidade brasileira que os habita. Barraza (1970) salienta o quanto o movimento cultural e científico nacional é estimulado por exilados, inclusive brasileiros. Josué de Castro, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Mário Pedrosa, Fernando Henrique Cardoso e Paulo de Tarso são citados como exemplos de indivíduos que participam desse movimento. A integração entre brasileiros e o contexto sociocultural chileno é concebida como um bônus do exílio.

Desde la caída del gobierno de Goulart, el exilio fue la única puerta que pudieron golpear miles de brasileños. Para la tierra carioca significó una sangría humana e intelectual de incalculables proyecciones. Economistas, sociólogos, educadores, científicos, antropólogos, pasaron a constituir la diáspora, con tres centros claves: Argelia, Chile y Uruguay (BARRAZA, 1970, Ercilla, p.12).

O texto de Barraza (1970) traz uma fala de Darcy Ribeiro significativa para problematização do grau de protagonismo da experiência do exílio na construção do latino-americanismo, entre os próprios brasileiros: “Somos la primera generación latinoamericana del Brasil. Yo aprendí a ser latinoamericano en Montevideo, en Caracas, en Santiago. El exilio me permitió descubrir América latina”²⁷. Através desse trecho, das leituras aqui abordadas e até dos textos de Newton Carlos que serão analisados no capítulo seguinte, observa-se como o deslocamento consiste em forma de reformulação de percepções de mundo e de si mesmo.

Ercilla mostrou apoio à Unidade Popular até 1971, mas, no ano seguinte, os jornalistas Hernán Millas e Emilio Filippi se declaram contra o governo de Salvador Allende. *Ercilla* começa a realizar críticas contra a Unidade Popular, o termo América Latina é suplantado do semanário e Newton Carlos perde espaço, assim como os demais

²⁷ Darcy Ribeiro para Ercilla em *Exilio: Pasaporte a la angustia*, 1970, p.14.

exilados brasileiros. Em *Asilados: Al margen de la vigilancia* (1972), Mauricio Carvalho discorre sobre presos políticos brasileiros que chegaram felizes ao Chile. O acolhimento do país aos 70 exilados brasileiros é ressaltado, assim como órgãos chilenos voltados para organização de refugiados. À medida que um golpe militar toma forma, a temática do exílio desaparece da revista. Mesmo que em quantidade menor, debates sobre torturas e a integração latino-americana mostram-se presentes. Sendo a última, defendida por Newton Carlos até o fim de sua trajetória no impresso. É necessário ter em mente que:

Em *Ercilla*, não houve um debate mais denso sobre o significado do conceito de América Latina, mas a constante abordagem de seus projetos de integração, articulados, em grande medida, à CEPAL ou a atenção dedicada à renovação da arquitetura, das artes plásticas em geral, do cinema, da literatura, da música etc., contribui fortemente para colocar nos horizontes dos leitores questões em comum que desafiavam e instigavam os diferentes países que eram classificados como latino-americanos (REIS, 2014, p. 858).

Outra pauta importante é que durante o período de 1964 a 1970, o presidente do Chile era o democrata cristão Eduardo Frei. Nesse momento, a Igreja é constantemente colocada por *Ercilla* como democrática e contra a ditadura militar que vigorava no Brasil. O próprio semanário nutria simpatia pela Democracia Cristã. Logo, era importante mostrar o quanto Igreja e governo não compactuam com métodos autoritários. Em diversas matérias, falas e imagens de autoridades eclesiásticas brasileiras e chilenas são utilizadas para sustentar esse argumento.

2.4. Latino-americanismo e descolonização: os condenados da terra

Como salientado anteriormente, a proposta de integração latino-americana materializada nos escritos de Newton Carlos perpassa a luta anti-imperialista e antirracista. Ser *Latinoamérica* implica, a seu ver, em romper com posições de dependência em relação aos países desenvolvidos, sobretudo, a respeito dos Estados Unidos da América; e entrelaçava-se a um ideal de solidariedade continental, que concebia como imprescindível a união entre os povos do Terceiro Mundo - América Latina, África e Ásia - contra amarras colonialistas. Sendo assim, a descolonização torna-se instrumento de aproximação entre, usando termos de Fanon (1961), *Os condenados da terra*. A solidariedade continental conquistou espaço entre grupos das esquerdas latino-americanas, consagrando-se como pauta em congressos, entidades e nos impressos.

Esta oposição ao imperialismo talvez forneça o elemento mais forte do discurso comunista e de sua cultura política. O IV Congresso da Terceira

Internacional Comunista tornou possível uma interpretação mais extensa para o comunismo e para o marxismo-leninismo de maneira a abarcar a América Latina, África e Ásia: o caráter da luta comunista nestas regiões deveria carregar como principal bandeira o anti-imperialismo e uma estratégia de frente única. Os embates revolucionários na América Latina adotaram este viés como cerne central do discurso de combate ao capitalismo. As experiências da Revolução Cubana, Sandinista e das lutas guerrilheiras dos anos 1960 e 1970 expressam muito bem a força que tal elemento obteve entre os comunistas latino-americanos (PRATES, 2016, p.263).

Os escritos de Newton Carlos nos permitem pensar que “os condenados da terra” latino-americanos deveriam se juntar à luta contra o imperialismo protagonizada pelos demais continentes. A violência tornava-se ferramenta de transformação geopolítica em momento que a região é caracterizada por crescimento de movimentos guerrilheiros. A Revolução Cubana, uma das principais inspirações para o desencadeamento dos mesmos, era concebida como grande marco da luta contra o capitalismo, dando origem a heróis e utopias em prol de uma *Latinoamérica* justa e desenvolvida²⁸.

Ao refletir qual o lugar da violência para Fanon e todas as implicações que suas ideologias acarretam podemos pensar até qual ponto povos do *Terceiro Mundo* são *os condenados da terra*, relacionando com os textos do exilado brasileiro. Newton Carlos usa essa expressão em determinados momentos (Terceiro Mundo) e escreve sobre diversas partes do globo. De qual forma a ideia de solidariedade entre América Latina, África e Ásia fazia parte de um projeto político que ele acreditava? Que leitura esse sujeito fazia dos discursos de Ernesto Guevara?

El campo fundamental de la explotación del imperialismo abarca los tres continentes atrasados, América, Asia y África. Cada país tiene características propias, pero los continentes, en su conjunto, también las presentan (GUEVARA, 1967).

Assim como a afirmação do guerrilheiro, Newton Carlos realça o caráter unificador entre os colonizados, mas também identifica diferenças entre os mesmos. Intelectuais desse período almejavam a formação de uma consciência revolucionária que

²⁸ O conceito de desenvolvimento precisa ser problematizado, visto que, ele engloba um paradigma modernizante que busca emancipação e, ao mesmo tempo, enfoca dependência em relação aos países europeus. Devido à crise de 1929 a América Latina foi orientada por um modelo econômico que valorizava a produção nacional em detrimento dos produtos oferecidos pelas grandes potências mundiais. A *Teoria da Dependência*, surgida na década de 1960, buscou enfatizar o desenvolvimento socioeconômico da região iniciado em 1930 (SANTOS, 2000). A afirmação do desenvolvimento latino-americano perpassou concepções de progresso e estruturas ocidentais, o que é um paradoxo se levarmos em consideração a independência frente aos países colonizadores que almejam enfatizar. Essa discussão não será aprofundada neste trabalho, porém é importante ter em mente que intelectuais compraram essa ideia e a fizeram circular. Inclusive, grupos que atuaram na construção do latino-americanismo.

alcançaria proporções continentais. A ideia de unidade é ressaltada em concomitância com a de diferença e multiplicidade entre continentes. Em discurso publicado pela revista *Tricontinental*, Che Guevara (1967) reafirma o preceito de conjunto ao salientar como a língua une os países latino-americanos e também, destaca diferença ao se referir ao Brasil.

En este continente se habla prácticamente una lengua, salvo el caso excepcional del Brasil, con cuyo pueblo los de habla hispana pueden entenderse, dada la similitud de ambos idiomas. Hay una identidad tan grande entre las clases de estos países que logran una identificación de tipo “internacional americano”, mucho más completa que en otros continentes. Lengua, costumbres, región, amo común, los unen (GUEVARA, 1967, p.7).

Pensar a violência para Fanon também pode nos ajudar a pensar a mesma para Newton Carlos que, em seus textos, denuncia a forma como a dita opera perante os povos subalternizados. Em *Escalada de violencia* (1972) evidencia o quanto atos de guerra estão crescendo e proporcionando destruição massiva. Articula as manobras atômicas desenvolvidas em concomitância com os gestos de rebeldia desencadeados pela juventude sul-africana frente o racismo institucional. Além disso, atenta para a morte da população negra em diversas partes do globo. Fica visível que, para o exilado, a violência interliga-se às questões étnico-raciais. Porém, seria arriscado afirmar que ele acredita na luta armada como potencial de transformação geopolítica da mesma maneira que Fanon e movimentos guerrilheiros cubanos.

Ao que tudo indica, assim como Fanon, Newton Carlos entende a miséria e o analfabetismo como produtos do capitalismo. O uso de leituras pós-coloniais evidencia que o exilado busca rumos teóricos que expliquem desigualdades sociais. Da mesma forma, que o martinicano utiliza números para tratar de analfabetismo e economia em países subalternizados. Quão importante Fanon (1968) é para Newton Carlos? Em qual medida, latino-americanos são *os condenados da terra* de Fanon?

Em uma nota de rodapé de *Os condenados da terra*, o autor argumenta que “A América Latina, formada de países independentes que têm assento na ONU e cunham moeda, deveria constituir uma lição para a África. Essas antigas colônias, desde a libertação vêm suportando no terror e na miséria a lei de bronze do capitalismo ocidental”²⁹. A primeira edição do livro foi publicada em 1961, período de proliferação de ideologias revolucionárias na América Latina.

A libertação da África e o desenvolvimento da consciência dos homens permitiram que os povos latino-americanos acabassem com a velha dança das

²⁹ FANON, Frantz. *Os condenados na terra. Da violência*. Editora: Civilização Brasileira, 1968, p.77.

ditaduras em que os regimes se sucediam mas não mudavam. Castro toma o poder em Cuba e o dá ao povo. Esta heresia é recebida pelos ianques como uma calamidade nacional, e os Estados Unidos organizam brigadas anti-revolucionárias, forjam um governo provisório, incendiam as colheitas de cana, resolvem enfim estrangular impiedosamente o povo cubano. Mas isso será difícil. O povo cubano sofrerá mas vencerá. O Presidente brasileiro Jânio Quadros, numa declaração de importância histórica, acaba de afirmar que seu país defenderá por todos os meios a Revolução Cubana. Os Estados Unidos também recuarão talvez diante da vontade dos povos. Nesse dia nos embandeiraremos, porque será um dia decisivo para os homens e as mulheres do mundo inteiro. O dólar que, no fim de contas, só é garantido pelos escravos espalhados na superfície do globo, nos poços de petróleo do Oriente Médio, nas minas do Peru ou do Congo, nas plantações da United Fruit ou de Firestone, cessará então de dominar com todo o seu poder esses escravos que o criaram e que continuam com a cabeça vazia e o ventre vazio a alimentá-lo com sua substância (FANON, 1968, p.77).

Ao mesmo tempo, solidifica como as lutas pela independência desencadeadas na África serviram como espelho para que latino-americanos combatessem o militarismo. Fanon denuncia o imperialismo estadunidense e os desdobramentos nada satisfatórios que ocasiona ao povo cubano; sua observação assume caráter profético ao conceber que a Revolução Cubana triunfará em detrimento do capitalismo. O martinicano escreve um manifesto destinado aos africanos, um chamado à luta anticolonialista, anticapitalista e antirracista. Dizer que o objetivo principal do autor consiste em propor a solidariedade continental de Che Guevara pode soar errôneo, porém é inegável que seu discurso contém certo grau de integração entre povos das três regiões marginalizadas pelo processo colonizador: América Latina, África e Ásia.

2.5. Intelectualidade, revolução e solidariedade continental

Apesar de ter um direcionamento maior para o Cone Sul, *Ercilla* salienta movimentos revolucionários existentes em países como Guatemala, Colômbia, Venezuela e Peru. Observa-se o crescimento do ofício do revolucionário moderno e a necessidade de eliminar bases de sustentação do imperialismo, sendo a chave dele os Estados Unidos da América. O ato de noticiar acontecimentos de toda a América Latina reforça o ideal de unidade proposto por diferentes personagens e fomenta um projeto de integração. *Ercilla* não se prende apenas ao continente americano, pois África e Ásia também são retratadas e, muitas vezes, suas relações com os países latino-americanos são enfatizadas.

A ideia de América Latina se consolidava como o lugar de produção de exilados, do despojo, da opressão, da ascensão do militarismo, mas, ao mesmo tempo, se delineava como o cenário de luta a favor de um mundo menos desigual, do engajamento dos intelectuais e, particularmente, de produção de

obras culturais – relacionadas às artes plásticas, ao cinema, à música, à literatura etc. – nascidas das canteras do povo. Em outras palavras, a América Latina era vista, por muitos intelectuais que escreviam para *Marcha* e *Ercilla*, como o lugar das lutas pela redenção de uma parte importante da humanidade, em conexão com as lutas contra o imperialismo na África e na Ásia, amparadas por personagens, grupos, movimentos ou partidos de esquerda (REIS, 2014, p. 857).

Vale ressaltar como a intelectualidade da segunda metade do século XX procura entender a realidade teórica de cada povo, mas dentro de limitações. Mulheres, negras, negros e indígenas são excluídos do processo revolucionário em diversas instâncias, e é necessário pensar em qual grau essa exclusão se manifesta no discurso de Newton Carlos. Revolução para quem? Outra questão presente nos intelectuais é a importância de transcender laços políticos e teóricos que se converterão em emocionais; teoria, prática e subjetividade unem-se afinal, não se pratica revolução sem teoria revolucionária (CABRAL, 1980).

Newton Carlos publica uma reportagem intitulada *Colonialismo y Poder Negro*, em 1972, abordando sobre como o colonialismo é solidificado nas Antilhas Holandesas, ao ressaltar a importância da oposição negra na “Frente Trabalhadora”. Também salienta movimentos existentes nas Honduras Britânicas (atual Belize), fato preocupante para os Estados Unidos. A efervescente luta travada por descendentes de escravos nas colônias americanas e a necessidade de cultivar costumes da África materna é outro exemplo citado e consiste em instrumento de ação antirracista. Vários movimentos libertários são citados por Newton Carlos, em particular, os caribenhos.

Pode-se sustentar que as informações presentes em seu texto nos permitem realizar aproximação com escritos de Stuart Hall (2003). Em *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior* o autor coloca o navio como meio de comunicação entre povos. Identifica a migração caribenha para a Grã-Bretanha, no pós-guerra, como símbolo do nascimento da diáspora negra afro-caribenha. Hall (2003) imagina a nação e as identidades caribenhas em constante processo de globalização, trazendo à tona múltiplas identidades e a sensação moderna de deslocamento que, em instâncias e contextos diferentes, foram vivenciadas por exilados. Pode-se dizer que os escritos dos dois intelectuais nos permitem pensar como movimentos de libertação de caráter étnico-racial buscam desmontar lógicas estabelecidas pela colonização e pela chamada modernidade. Ambas colocaram sujeitos em posições subalternas, acentuando diferenças e, ao mesmo tempo, as negando.

É a lógica disjuntiva que a colonização e a modernidade ocidental introduziram no mundo e sua entrada na história que constituíram o mundo, após 1492, como um empreendimento profundamente desigual, mas “global”, e fez do povo caribenho aquilo que David Scott recentemente descreveu como os “recrutas da modernidade” (HALL, 2003, p.31).

Provavelmente impactado pela obra de Fanon, Newton Carlos retrata movimentos de emancipação protagonizados por colônias francesas nas Américas e a tradição negra por eles carregado. Mais uma vez, pode-se pensar no projeto de união entre *os colonizados da terra*. O redator cita Césaire (que também critica o imperialismo estadunidense), já no começo de sua passagem por *Ercilla* em 1969. No texto em questão, o poeta martinicano aparece novamente, e o latino-americanismo do desterrado entrelaça-se com as lutas desencadeadas por povos de outros continentes.

En las colonias que Francia tiene en América existe también una tradición negra: pero se trata más bien de un movimiento cultural, que tiene entre sus expresiones al poeta martinicano Aimé Césaire, combatiente anticolonialista. Se considera fatal la contaminación de Martinica, Guadalupe y Guayana Francesa por la influencia del poder negro. La situación de estas colonias se puso más crítica aún al revelarse los términos del proyecto que les concedía un status especial (CARLOS, 1973, *Colonialismo y Poder Negro: Ercilla*).

Em *Personalidad Propria* (1970), discorre sobre reuniões de países latino-americanos com a Europa Ocidental a fim de buscar melhores preços para o petróleo e seus minerais. O ideal de unidade também perpassa o âmbito econômico da região e significa certa independência financeira perante o mercado europeu. Em *Festejo para azadones* (1970), destaca o aniversário da reforma agrária peruana e o quanto seu triunfo se deu no campo e não em ambientes sofisticados de Lima. O campesinato é valorizado e, para alguns intelectuais, consiste em importante força de resistência e integração latino-americana. A disputa por terras é característica da região e está inserida de forma marcante na história peruana. No texto, o surgimento de militarismos latino-americanos é salientado, o que nos possibilita pensar que até o autoritarismo assume um caráter unilateral. É digno de nota como o latino-americanismo tem destacável relação com a Revolução Peruana e os desdobramentos que a mesma acarreta na América Latina como um todo.

Os escritos de Newton Carlos mostram sua preocupação em conhecer e reportar para o público de *Ercilla* os três continentes considerados atrasados em relação à Europa. A sensação de pertencimento e reparação histórica para com povos oprimidos fica evidente em sua narrativa, assim como a necessidade de união entre os mesmos. Outro fator a ser levado em consideração é que o Brasil também faz parte dessa luta, escreve

número considerável de textos denunciando a ditadura militar brasileira e seus desdobramentos, sendo a tortura e a violência destacadas.

É válido pensar como o discurso de descolonização encabeçava uma rede intelectual e guerrilheira que acreditava em um projeto revolucionário em curso, mas que já foi expressado (o discurso de descolonização) em momentos anteriores da história. Para exemplificar como essa concepção percorreu utopias de intelectuais, artistas e revolucionários latino-americanos em outras décadas, temos o *Mapa Invertido da América do Sul* (1943), produzido por Joaquín Torres García (1874-1949). Ao afirmar, por meio da obra, que “Nosso norte é o sul”³⁰ o pintor uruguaio desmonta lógicas coloniais que se manifestam nas projeções cartográficas.

2.6. Nosotros latinoamericanos

Ao falar sobre violência e tortura, sobretudo nos anos de 1968 e 1969, Newton Carlos associa as situações autoritárias vivenciadas pela América Latina. O caso brasileiro é constantemente debatido no semanário como um todo. O espaço destinado ao Brasil e seus exilados desmonta a ideia socialmente construída de que o país não era considerado membro do território latino-americano por seus vizinhos. *Ercilla* rompe com esse imaginário já nos anos iniciais de sua formação, fato que corrobora para entendimento da sensação de pertencimento do exilado ao Chile e demais países latino-americanos; o recorrente uso da expressão *nosotros latinoamericanos* fomenta a questão do sentir-se parte.

Colonialismo entre nosotros (1969) enfatiza como o colonialismo foi trabalhado na *Conferência da Organização da Unidade Africana*³¹, salientando como a dominação colonial característica da região não está tão distante de países latino-americanos como Brasil e México. Argumenta que o processo colonizador não produz apenas mal-estar, mas também violência para com o sujeito oprimido. Guadalupe, Martinica e Guiana Francesa são territórios franceses na América Latina que, de acordo com o exilado, movimentam atos de independência desencadeados por Césaire. De forma recorrente, lutas anticolonialistas são destacadas como maneira de fortificar e disseminar para o público o entrelaçamento entre descolonização e latino-americanismo. O canal do

³⁰ Joaquín Torres García, *Mapa Invertido da América do Sul*, 1943.

³¹ A Organização da Unidade Africana (OUA) foi criada em 1963, na Etiópia, com a finalidade de combater o colonialismo. Para tal recebeu o aval de 32 governantes de países africanos independentes.

Panamá e o interesse de potências imperialistas pelo mesmo é concebido como uma luta por poder diretamente relacionada a heranças colonialistas.

El trinomio (desarme, desarrollo y descolonización) lanzado por U Thant traduce los anhelos de todo ser humano: paz, bienestar y libertad. En 1960, con 89 votos a favor y nueve abstenciones, las Naciones Unidas tomaron una de sus más importantes decisiones al aprobar la primera declaración anticolonialista endosada internacionalmente. Las abstenciones fueron de USA, Inglaterra, Francia, Australia, Bélgica, República Dominicana, Portugal, España y África del Sur. Entre otras cosas, la declaración dice: - La sujeción de los pueblos al yugo, dominio y explotación extranjeros representa una negación de los derechos humanos fundamentales, es contraria a la carta de la ONU y compromete la causa de la paz y de la cooperación mundiales (CARLOS, 1969, Colonialismo entre nosotros: Ercilla).

O termo *nosotros* utilizado no título e no decorrer do texto reforça o ideal de integração, um “nós” em oposição ao outro estrangeiro. Nesse mesmo ano, outros títulos com a temática materializam-se, entre eles, *Nosotros y Canadá* que retrata a diminuição dos gastos com o arsenal bélico canadense e suas consequências para a América Latina. Em *América Latina y Japón* o termo não aparece, mas o próprio título solidifica um “nós” em relação ao outro. Nota-se, na produção de Newton Carlos, a preocupação e empatia de posicionar-se frente a acontecimentos aparentemente isolados e seus desdobramentos econômicos, políticos e sociais para os povos do *Terceiro Mundo*, principalmente os latino-americanos. Deve-se ter em mente que o espaço por ele utilizado para publicar seus textos em *Ercilla* era intitulado *Comentario latinoamericano* e que o mesmo destacou-se no impresso pelo número de textos e o conteúdo neles materializado.

Em 1972, Newton Carlos cobre as eleições presidenciais estadunidenses e aponta motivos para os latino-americanos ficarem atentos a elas, visto que, a política econômica dos Estados Unidos afeta todo o continente. Anteriormente *La inquietud de todos nosotros* (1970) denuncia o quanto o programa de ajuda aos países subdesenvolvidos criado pelo presidente Nixon só favorece a área dos grandes negócios. A luta de classes também consiste em parte integrante de sua narrativa em *Ercilla* e luta anti-imperialista. Como já respaldado, o redator é afastado do semanário com o golpe de Pinochet e *Ercilla* assume postura crítica em relação ao desterro e a ditadura militar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a experiência do exílio consiste em movimento transnacional capaz de proporcionar ao sujeito desterrado reformulação de projetos políticos e ideológicos em concomitância com reconfiguração de sua identidade. Cabe ressaltar que o processo identitário encontra-se em constante mobilidade e requer trabalhos psíquicos que perpassam a angústia, o medo e a solidão; o que solidifica a importância de não concebermos o desenraizado como herói ou mito sem pátria. Como muito bem ressaltado pelas referências aqui trabalhadas (ROLLEMBERG, 1999; SAID, 2003; SANHUEZA; PINEDO, 2010; VIZ QUADRAT, 2011; SZNAJDER; RONIGER, 2013), o exílio é paradoxal, ao mesmo tempo que causa dor, abre caminhos para transformações positivas ao eu exilado.

Buscamos no presente trabalho sustentar que os impressos consistiram em importante instrumento de luta contra o autoritarismo que acometeu alguns países da América Latina nas décadas de 1960 e 1970 e forma de lidar com a condição de exilado imposta pela institucionalização da ditadura militar brasileira. É válido ressaltar que o mercado editorial também propicia circulação de debates que fomentam ao exilado mecanismos para entender a si mesmo e seus ideais e projetos. A trajetória de Newton Carlos em *Ercilla* concedeu espaço para pensarmos essas questões a partir do latino-americanismo e a luta contra diferentes formas de colonialismos que não desapareceram das Américas, mesmo após 150 anos do início das lutas pelas independências.

Os textos de Newton Carlos são significativos para refletirmos como o não pertencimento pode gerar o pertencimento. Newton Carlos era um exilado e, a partir dessa condição e todos os processos que emana, identificou-se como latino-americano. A análise de suas produções nos permite concluir que ser *Latinoamérica* é mais que habitar a América Latina, consiste em conhecer a cultura e os povos da região. Lutar por uma América Latina unida implica em entender por que ela foi marginalizada pela colonização e projetada como subalterna. Significa estabelecer estratégias intelectuais e econômicas para acabar com a exploração imposta pelas grandes potências ao continente americano.

É interessante como o conhecimento de si, latino-americano, segundo a interpretação de Newton Carlos, necessita que reconheçamos o outro, também

terceiro mundista. África e Ásia também são oprimidas, marginalizadas. Não seriam os três continentes mais fortes juntos? Não são os problemas em comum que os unem?

O quanto os textos do exilado fariam a sociedade brasileira refletir sobre si mesma nos dias atuais? Newton Carlos contribui para desmonte do complexo colonial de inferioridade que impregna no imaginário dos brasileiros e nos faz imaginarmos o outro europeu como “melhor”, detentor do conhecimento e da razão universais. A partir desse pensamento podemos traçar uma série de problemas sociais gerados pelo desejo do colonizado de tornar-se colonizador.

Falemos do exílio, mais uma vez. É inegável o quanto contribui para a proliferação de ideologias e debates teóricos diversos entre exilados e não-exilados. Este trabalho e todos os outros aqui abordados validam essa afirmação. Porém, é importante que outros estudos sejam realizados buscando sempre outras faces do exílio e identificando que ele não foi vivenciado apenas por militantes de classes abastadas. O desterro é um acontecimento histórico característico não apenas das sociedades contemporâneas. Em diversas épocas, acometeu indígenas, camponeses, negros e outros grupos insuficientemente abordados pela historiografia.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGIO, Alberto. Uma insólita visita: Fidel Castro no Chile de Allende. *História*, Franca, v. 22, n. 2, 2003, pp. 151-166.

ARDAO, A. Panamericanismo y latinoamericanismo In: ZEA, Leopoldo (coord.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI: UNESCO, 1986, pp. 157-171.

AVELAR, Alexandre. *A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões*. Dimensões, vol. 24, 2010, p.157-172.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana / Año 8. Nº 20*, 2003, pp. 105-115.

BERNEDO, P. La Prensa durante la Unidad Popular y la destrucción del régimen democrático, en Claudio Rolle (coord.), *1973, la vida cotidiana de un año crucial*, Editorial Planeta, Santiago 2003, pp. 59-97.

BORGES, Elisa. *O governo de Salvador Allende no Chile: atuação dos trabalhadores e a organização de novas relações de trabalho*. Projeto História, São Paulo, n. 47, 2013, p.85-109.

CABRAL, A. *A arma da Teoria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. p. 21-52.

CARMICHAEL, S. Tercer mundo, nuestro mundo. *Tricontinental*, Havana, n.1, jul-ago 1967. p. 15-22.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CRESPO, R. A. (Coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México: UNAM/Eón, 2010.

FUNES, P. Del Mundus Novus al novomundismo. Algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina. IN: DAYREL, Eliane Garcindo, IOKOI, Zilda M. Gricoli (coords.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996, pp. 77-95.

FANON, F. Os condenados na terra. *Da violência*. Editora: Civilização Brasileira, 1968, pp. 23-85.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. 1952.

GUEVARA, E. *Crear dos, tres... muchos Viet Nam. Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental*, 1967.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Brasília: Editora UFMG, UNESCO, 2003. p. 25-50.

LEITE, M. C. M. O exílio no imediato pós-golpe: mecanismo de exclusão política. *Temporalidades*, v. 6, n. 2, pp. 131-139, 2014.

MARQUES, T. *O exílio e as transformações de repertórios de ação coletiva: a esquerda brasileira no Chile e na França (1968-1978)*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 60, no 1, 2017, pp.239-279.

QUADRAT, S. *Caminhos Cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX*. Fundação Getúlio Vargas, 2011.

REIS, M. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*. Tese de Doutorado, 2012.

REIS, M. Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. *Si, somos latinoamericanos: o papel dos semanários Ercilla e Marcha para a construção do conceito de América Latina no Chile e no Uruguai (1939-1974)*. USP, 2014, pp.846-859.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice. Os exílios dos intelectuais brasileiros e chilenos, na França, durante as ditaduras militares: uma história cruzada. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates*, 2007. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index5791.html>> Consulta em 31/05/2019.

ROLLEMBERG, D. *Exílio: entre raízes e radares*. Editora: Record, 1999.

RONIGER, L. *Destierro y exilio en América Latina. Nuevos estudios y avances teóricos*. Buenos Aires: Editorial EUDEBA, 2014.

SADER, E. Cuba, Chile, Nicarágua: Socialismo na América Latina. *Chile: Socialismo como radicalização da democracia?* São Paulo: Série História Viva, 1992. p.34-53.

SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 46-60.

SANHUEZA, C; PINEDO, J. La Patria Interrumpida: Latinoamericanos em el exilio. Siglos XVIII-XX. *El exilio latinoamericano, una historia permanente*. LOM Ediciones, Santiago, Chile, 2010. p. 7-12.

SANTOS, T. Da Teoria da Dependência à Teoria do Sistema Mundial. *A Teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 6-49.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica*. História Unisinos, v.8, n.10, 2004, p.135.

SILVA, H. R. Os exílios dos intelectuais brasileiros e chilenos, na França, durante as ditaduras militares: uma história cruzada. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, Debates, 2007.

SZNAJDER, M.; RONIGER, L. *Política y exilio en América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Editora: Record, 1999.

Fontes

- Exemplares do semanário *Ercilla* correspondentes ao período de 1968 a 1973.
- CARLOS, N. *A conspiração de Kennedy ao Vietnam*, Editora: Encontro, 1966.
- CARLOS, N. *A Guerra da América Latina*, Editora: José Álvaro, 1965.
- CARLOS, N. *América Latina: dois pontos*, Editora: Codecri, 1978.
- CARLOS, N. *Bush e a doutrina das guerras sem fim*, Editora: Revan, 2003.
- CARLOS, N. *Camelot, uma guerra americana*, Editora: Objetiva, 1991.
- CARLOS, N. *Chile com Allende: para onde vai?*, Editora: Gernasa, 1970.
- CARLOS, N. *Peru: o novo nacionalismo latino-americano*, Editora: Lia, 1969.